

# O inseto filosofal

VERA MARIA CHALMERS

**“O Escaravelho de Ouro,” poema surrealista de Oswald de Andrade, além do caráter fetichista único em toda sua obra, é um devorador da Antropofagia modernista**

“O poeta trabalha”  
Saint Pol-Roux

“O Escaravelho de Ouro” de Oswald de Andrade foi publicado na “Revista Acadêmica” nº 67 de novembro de 1946, no Rio de Janeiro, com data de Copacabana 15 de abril de 1946. O poema do veterano Oswald de Andrade reconvertido ao “sentimento órfico” é um texto obscuro de aproximação surrealista, no qual as imagens oníricas misturam-se à memória consciente e à pilhagem antropofágica da filosofia e do Novo Testamento. Os símbolos do imaginário mitopoético do poema testamento são herméticos como o profetismo católico de Jorge de Lima ou o essencialismo de Murilo Mendes, mas o mistério é orgiástico:

“mistério gozoso  
Abandonarás papai e mamãe  
Pelo ténis de bordo  
As asas sobrarão  
No jazigo familiar  
Correrá atrás da mentira  
O anjo de pernas curtas”

A segunda pessoa apostrofada que sobrepõe a iconografia cristã da estatuária de cemitério ao retrato da menina prodígio do cinema a estrela Shirley Temple no presépio é a filha do poeta, Antonieta Marília, a quem é dedicado o poema. “O Escaravelho de Ouro” se destaca na obra do escritor mais por seu hermetismo que o aproxima dos poetas surrealistas da geração de 30, do que pela invenção poética. A ocultação da Antropofagia dos anos 20 no poema evidencia que ele esconde uma mensagem perturbadora para a memória consciente do poeta no momento da composição. A análise surrealista permite interpretar os pensamentos inconscientes articulados na linguagem desfazendo a incomunicabilidade do poema. A decifração da mensagem inscrita no poema atrai o

devaneio do leitor contagiado pelo inconsciente do poeta, porque o poema é um objeto onírico suscitador de associações livres. “O Escaravelho de Ouro” é interessante pelo seu caráter fetichista, único em toda a obra do poeta. O poema zoomórfico é um achado surrealista, o inseto negro é um objeto encontrado pela criança, a filha do poeta: “Tata! É meu!”. O poema é construído como um devaneio suscitado pelo encontro do objeto surrealista. Em “antena” o “colcótero pentámeo lamellicórneo/Escarabídeo de negro marfim” se metamorfoseia no talismã egípcio criptografado, “o bisantino escaravelho”. O objeto provocador da associação livre suscita no criptograma subjetivo do poema:

“páscoa de giorgio de chirico  
Quando te debruçares  
Sobre a lívida ambiguidade  
Nada será interrompido  
Não estremecerá a estátua do físico  
Nem a sacra estupidez  
Nem a miragem  
Nem a fraternidade ansiosa  
Ninguém quis comprar o poeta”

O Coleóptero coprófago e da cor do antracito era *quéprer* (1) para os egípcios, quando a linguagem escrita surgiu o escarabeu serviu para nomear o verbo *quéper*, que pode significar “surgir para a vida tomando determinada forma”, “ser” ou “tornar-se”. Aquele que surge para a vida é o feto, o andrógino que toma a forma da criança do sexo feminino. A respeito da citação de Chirico no poema metafísico encontro no livro de memórias do escritor, *Um Homem sem Profissão: Sob as Ordens de Mamãe*, de 1954, (2) uma queixa: “Fito nas paredes do *livine* espaçoso as minhas altivas bandeiras. São os quadros, as obras-primas da pintura moderna de que breve vou me desfazer. São



Oswald de Andrade por Lasar Segall

os estandartes levantados na guerra que foi minha vida. Um grande Chirico de 1914, da série *Piazza d'Italia*, onde se vê uma torre, um pequeno trem de ferro e dois homens minúsculos na solidão da praça, onde se ergue uma estátua vestida de negro. É um dos quadros que criaram em Paris o Surrealismo. Chamam-no *L'Énigme d'une journée*. O enigma do dia é o escaravelho um presente de Páscoa encontrado ao acaso. O escaravelho é um símbolo mitológico da renovação e da manifestação do demiurgo, “que traz a existência de si mesmo”, o deus *Quépri*, o sol levante. O escaravelho surge no poema como a alegoria da geração da palavra poética que se engendra a si própria, manifestação do demiurgo:

“episódio  
Eliminarás a doença e o bário  
Restará o leite dos homens  
Porque foste o andrógino”

A criação poética funde-se à paternidade do “anjo de pernas curtas”, pois o escarabeu negro caminha para trás, “rolando entre as patas trazeiras uma esfera ruborescente onde depositou sua semente”, imitando nisto o curso do sol que se dirige do oriente para o ocidente e parece seguir direção contrária à do céu:

“a família do burrinho  
(...)  
Para as bandas do mar  
Vermelho  
Na poeira da madrugada  
Cruzou um olival  
O escaravelho”

O poema “fronteira” é a irrupção da memória consciente do sujeito poético no interior do devaneio suscitado pela descoberta do escaravelho. Neste ponto o

poema anda para trás no tempo:  
“fronteira  
Quero estudar filosofia em  
Paris  
Não pode ser  
Só se o compadre Antunes te  
mandar  
Mas a vida mesmo assim é boa  
O compadre Antunes faliu  
A vida é boa  
O compadre Antunes morreu”

A linguagem prosaica intervém para quebrar a sublimação profética e introduzir a carência do poema através da rememoração de um episódio da biografia do autor. No livro de memórias, Oswald de Andrade escreve: “Procurara anos antes, criança, ainda, inutilmente obter de um padrinho que diziam rico, que me fizesse estudar filosofia em Paris”. No episódio das memórias, a recordação do desejo frustrado de estudar filosofia em Paris associase à perda da mãe na volta de Paris em 1912. O poema “o imigrado” exprime o luto pela morte da mãe:

“o imigrado  
Quando vieres de torna viagem  
Trará a cabeça exangue  
E a lembrança inútil  
Dos que frequentaram o inferno  
Trará a cabeça  
Como os caules amorfos  
E o teu coração beijará os  
perfumes da tarde”

Os poemas “fronteira” e “o imigrado” marcam o resgate pela memória consciente do poeta dos pensamentos oníricos ocultados na natividade metafísica de “a família do burrinho”, que narra a fuga da Sagrada Família para o Egito para escapar ao massacre dos inocentes. Talvez um quadro sonhado de Chirico? O poema transpõe a fronteira da memória e traz de torna viagem o luto inconsciente. Mas a interdição de estudar filosofia e o luto associados à crise religiosa funcionam no poema como a repressão inconsciente da filosofia e das fantasias incestuosas, objetos desejados pelo poema e concretizados alguns anos depois na elaboração da tese do Matriarcado de “A Crise da Filosofia Messiânica” em 1950 (3). Mas a satisfação imediata dos desejos inconscientes pela ação da repressão transfere-se para outro objeto, o objeto da busca surrealista-evocado pelo quadro de Chirico, o saber mitopoético que não é a teologia como em Jorge de Lima e Murilo Mendes, mas a via de acesso ao inconsciente do erotismo e da criação. A fanopéia do poema “escafandro” expressa o mergulho no automatismo e a recuperação do poder liberador da palavra poética:

“escafandro  
Debalde  
O homem foi ao bordel  
A poesia ficou nua entre grades  
/ como um meridiano  
Mas tu escalaste o missal das  
/ janelas  
E libertaste a alga da Bíblia nas  
piscinas”

